

A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983

Célio José Losnak*

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-134, 1998.

RESUMO

Este artigo aborda o Serviço Social em Bauru em três momentos: o surgimento da Faculdade de Serviço Social de Bauru, a criação do Centro de Entidade Sociais de Bauru e o trabalho de alunos da Faculdade em bairros pobres. Ele tem os objetivos de identificar práticas políticas nas ações do Serviço Social e de inserir a Faculdade de Serviço Social de Bauru no contexto local e nacional.

Unitermos: Serviço Social, política social, assistência social, Faculdade de Serviço Social de Bauru.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de problematizar historicamente o Serviço Social em Bauru no período 1963/1983. Ele é o resumo de partes de uma pesquisa mais ampla que produziu dois textos (Losnak, 1993, 1995).

Teoricamente a pesquisa tem várias influências como o historiador francês contemporâneo J. Chesneaux (1995), os filósofos M. Foucault (1982) e W. Benjamin (1985). Entretanto, destaca-se a História Social Inglesa que tem como principais expoentes E. P. Thompson (1987, 1989) e R. Williams (1989).

Tais autores orientaram a pesquisa a considerar o Serviço Social como uma prática social que se constitui em uma forma de diálogo entre classes sociais, que possui historicidades, é produto e, ao mesmo tempo, elemento formador da sociedade moderna.

Ainda segundo esses autores, através da análise dessa prática social pode-se identificar que tipo de relação existe entre os setores dominantes e os pobres, como o espaço da liberdade é pensado e praticado, quem é valorizado como agente político e histórico, a dimensão da democracia

* Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - Campus de Bauru - Av. Luiz Edmundo C. Coube, s/nº - 17033-360 - Bauru - SP.

efetiva além do discurso liberal, o modo como são tratados os trabalhadores pobres e excluídos em uma sociedade profundamente desigual.

Constata-se, no decorrer da pesquisa, que o Serviço Social reforça a exclusão política e a manutenção da memória que define as elites como os únicos agentes históricos por que realizariam as práticas historicamente corretas. Ou seja, o Serviço Social mostra as bases políticas da sociedade e o modo como sua história está sendo engendrada.

A pesquisa buscou fontes de informações em vários tipos de documentos, livros, entrevistas e, principalmente, os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) da Faculdade de Serviço Social de Bauru.

O Trabalho de Conclusão de Curso constitui-se em um relato e uma análise do estágio realizado pelos formandos e uma atividade obrigatória para todos os cursos de serviço social do país desde 1953. Ele oferece informações significativas sobre a formação do aluno, as orientações teóricas, o trabalho cotidiano das instituições sociais e sobre a cidade.

O Serviço Social é um saber técnico e profissional surgido no final do século XIX e vem consolidando-se no decorrer do século XX ao propor a superação da filantropia (Vieira, 1985).

Ainda influenciada por aqueles autores, especialmente Foucault (1982), a pesquisa revelou tal prática profissional fundada em princípios de racionalização, planejamento e administração.

Nessa perspectiva, a FSSB é o ponto de partida e uma instituição importantíssima para entender uma nova atuação social que se intensifica na cidade na década de 60 e uma outra forma de Bauru conviver com seus problemas sociais. A FSSB é aqui entendida como um elemento importante de convergência das discussões e ações sobre o social na cidade e, ao mesmo tempo, como símbolo do surgimento do Serviço Social em Bauru.

Em um passado próximo, encontra-se uma cidade que não é harmoniosa e idílica. Identifica-se em Bauru a permanência do Serviço Social como estratégia de dominação social e sintonizado às práticas autoritárias da ditadura. É uma face que suscita polêmicas, mas que precisa ser vista não somente para conhecer melhor o período como também para ajudar a pensar o que é a cidade de Bauru hoje.

O primeiro item do artigo discute o contexto histórico do surgimento da FSSB que enuncia determinações em vários níveis (pessoal/conjuntural/estrutural, local/regional/nacional).

O segundo item apresenta o surgimento do Centro de Entidade Sociais de Bauru (CESB) como produto de influência da FSSB na cidade. Entretanto, o CESB é formado em um conflito entre a filantropia, que era a assistência tradicional, e a assistência técnica administrada do Serviço Social.

Para a terceira parte foram escolhidas práticas dos estagiários da FSSB que estão voltados para atividades de assistência em bairros pobres. Esses tipos de TCC intensificam-se na FSSB a partir de meados da década de 1970.

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

Nos relatos e reflexões sobre os trabalhos dos estagiários, enunciam-se práticas políticas e intervenções ideológicas que sugerem não ser exclusivos dos alunos. Tais trabalhos foram ratificados pela instituição e não destoam de centenas deles produzidos durante a história da FSSB até 1983.

Na pesquisa, foram lidos detalhadamente cento e vinte e nove TCCs. O critério para escolha deles foi temático e qualitativo. Neste artigo, para sintetizar a apresentação, utilizou-se alguns mais representativos da assistência em bairros. Para mais detalhes, consultar Losnak (1993).

A FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL DE BAURU: 1963-1983

Ao falar sobre a origem da Faculdade de Serviço Social de Bauru, defronta-se com uma explicação clássica e presente no senso comum. Segundo Clorinda Queda (Mesa Redonda: "20 anos da Faculdade de Serviço Social de Bauru", 04/10/1993), o fundador e proprietário da Instituição Toledo de Ensino (ITE), Antônio Eufrásio de Toledo, teria tido a iniciativa de criar a Faculdade de Serviço Social por influência de sua mãe que seria uma pessoa preocupada com os problemas sociais.

Na História, as práticas individuais são importantes, mas não suficientes para que elas desencadeiem alterações na realidade histórico-social. Elas precisam ter representatividade social, ou seja, devem estar sintonizadas às necessidades ou interesses de pessoas, grupos ou momentos. Nesse sentido, ao terem como suporte determinadas dimensões da realidade, as ações individuais podem efetivar-se historicamente.

Embora o trabalho de Eufrásio de Toledo e de sua família tenha sido importante, ele não é suficiente para entender a criação da FSSB.

Pode ser uma armadilha buscar as origens de uma instituição porque é como se esse ponto inicial fosse capaz de dar conta de sua dinâmica e existência. De qualquer modo, o artigo esboçará algumas considerações que contextualizam o surgimento da FSSB e, portanto, entendê-la como uma prática social que começa a intensificar-se na cidade a partir dos anos 60.

O argumento da iniciativa individual no caso da Instituição Toledo de Ensino (ITE) é importante. Eufrásio de Toledo, um empresário com intenções de ampliar a ITE, foi, gradativamente, aumentando o número de cursos e abrindo filiais em outras cidades da região oeste do Estado.

O desafio da iniciativa individual de Toledo é significativo quando são ouvidos os relatos dos formandos das primeiras turmas da FSSB - em entrevistas ao autor. As informações fornecidas por elas apontam que a cidade de Bauru praticamente não conhecia a utilização da assistente social, havendo somente cerca de quatro profissionais trabalhando em 1966 (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Instituto Nacional de Previdência Social, Serviço Social da Indústria, Hospital Aimorés).

Esse desconhecimento da sociedade bauruense sobre o Serviço Social implicou dois problemas.

O primeiro, foi a dificuldade em obter emprego. Wilma Bruno (aluna formada em 1967) lembra que a carência de vagas desencadeava grande competição entre os formandos.

A absorção do assistente social será lenta. Parte dos profissionais vão trabalhar fora de Bauru. A prefeitura municipal contrata a primeira profissional em 1968 (Egli Muniz). Mais tarde, em 1973, é criado o Centro de Entidades Sociais de Bauru (CESB), já expressando a influência da faculdade entre os setores dominantes a ponto de o prefeito municipal (Luiz Edmundo Coube) decidir criar esse órgão que viria possibilitar a ampliação do mercado de trabalho.

O segundo problema foi a procura de estudantes para o curso. Na primeira e segunda turma, houve uma quantidade significativa de alunos. Em 1966, trinta e seis alunos concluíram o curso e, em 1967, repetiu-se o mesmo número.

Nos anos seguintes, a procura pelo curso diminuiu, ocorrendo uma recuperação somente a partir de 1970. Como exemplo, citamos o ano de 1969 com quatro formandos, o ano de 1970 com seis formandos e 1971 com cinco.

Segundo Egli Muniz (formada em 1967), em entrevista ao autor, essa carência de alunos levou os estudantes da faculdade a fazerem propaganda nas escolas de 2º grau e até mesmo no comércio do centro da cidade, inclusive em vitrines de lojas. Ocorrem, também, gestões da faculdade na imprensa e na sociedade bauruense. Neide Freitas (aluna formada em 1971) atribui a grande quantidade de interessados que entram no curso em 1970 (formam-se cem profissionais em 1973) à propaganda que eles, alunos, fizeram nas escolas de segundo grau. De qualquer modo, a partir daí o número anual de alunos é significativo.

Nesse sentido, parece que a iniciativa individual de Eufrásio de Toledo teve papel importante na origem da faculdade. Ele teria criado o curso num momento em que a cidade não possuía condições para consumi-lo e, portanto, não seria uma influência estrutural ou do contexto. Prova disso, é a dificuldade dos formandos em obter emprego e o desinteresse dos jovens bauruenses pelo novo curso.

Entretanto, também poderiam argumentar o sentido inverso para justificar a importância do interesse individual. Sabemos que em uma sociedade produtora de mercadorias não somente estas são criadas, os mercados também. A propaganda, por exemplo, estimula o surgimento de novas necessidades e o consumo de novos produtos. Nesse sentido, a ITE teria, durante seus primeiros sete anos, criado o estímulo para que mulheres fossem ingressar em um novo curso para assim poder continuar formando esses profissionais.

Uma observação importante. Esse mercado não é exatamente bauruense. Parte significativa dos estudantes do curso, em todo período pesquisado, é de fora da cidade. Diante desses estudantes de fora, um peque-

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

no grupo de alunos passa a morar em repúblicas e pensões para estudar em Bauru. Um grupo relativamente grande é de estudantes que viajam todos os dias. Moram em pequenas cidades da região e vêm para Bauru quotidianamente em ônibus de estudantes.

Nesse aspecto, a FSSB passa a atender um mercado (vagas de um curso superior) não apenas municipal mas também regional, que, por sua vez, parece ampliar o mercado regional de atuação do Serviço Social.

Importante lembrar que um mercado liga-se a outro. O reconhecimento do curso não se mantém simplesmente por um artifício da propaganda que cria a necessidade dessa mercadoria. O curso e a sua respectiva propaganda encontram ressonância na cidade e na sociedade. Em outras palavras, Bauru e o Brasil vão, nesse período, utilizando-se cada vez mais dos profissionais de serviço social para demandas sociais.

Na década de 60, principalmente no pós-64, surgem vários programas de políticas sociais. No pós-64, o governo federal cria o Sistema Financeiro da Habitação e o Banco Nacional de Habitação, o IBRA (Instituto Brasileiro de Reforma Agrária), a previdência social é centralizada no INPS, o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), o Programa de Integração Social (PIS) e Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PASEP), Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e outros programas e órgãos voltados para responder às questões sociais e políticas dos trabalhadores.

O governo do Estado de São Paulo possuía programas sociais e órgãos alocados em várias secretarias. Em 1967, é criada a Secretaria de Estado da Promoção Social onde é centralizado o trabalho de assistência social. Em resumo, pode-se apontar no Brasil um crescimento de estratégias de atendimento aos problemas da pobreza e dos trabalhadores por meio de políticas sociais, principalmente na segunda metade da década de 60.

O desenvolvimento da FSSB nesse período possui, portanto, uma contextualização nacional. A Faculdade surge em um momento em que as demandas sociais, decorrentes das movimentações sociais de várias classes sociais no pré-64, aumentam. No período Goulart, os setores populares organizados tornam-se mais mobilizados, não a ponto de realizarem uma revolução ou de resistirem ao golpe, mas de desencadear uma reação dos setores conservadores a essas movimentações. O Serviço Social, enquanto um substituto à organização popular foi, nesse contexto, uma resposta às demandas sociais daquele momento. Os militares buscaram substituir a participação política dos setores pobres e assalariados em geral pelos programas e órgãos como os citados acima.

No regime autoritário, o atendimento às necessidades sociais é parte do projeto de desenvolvimento e visa à substituição da organização autônoma dos trabalhadores e setores pobres.

Do mesmo modo, identifica-se em Bauru inquietações por parte de setores da sociedade que poderiam ser respondidas de modo mais metódico pelo assistente social e, nesse sentido, sugerem já haver uma certa adequabilidade da FSSB à cidade. Por exemplo, em 1963, ano de início

da primeira turma da faculdade, observa-se, através da imprensa bauruense, destaques quanto aos problemas da pobreza e da mendicância.

Os jornais *Correio da Noroeste* e *Diário de Bauru*, nos anos de 1963-1964, referem-se a dois tipos de questões. Um é menção à existência de mendigos na cidade, crianças vasculhando lixo, pedindo roupa, comida e dinheiro tarde da noite nos Altos da Cidade e famílias dormindo na Estação Ferroviária.

Outro problema apresentado é a inconveniência dos denominados "falsos" mendigos que ameaçariam a cidade. Há notas orientando a população a não dar esmolas a eles e sim às entidades assistenciais, reclamação de comerciantes sobre "desocupados" que fazem desordens na Praça Machado de Melo ou que reclamam de pessoas mendigando no centro comercial.

Esses "falsos" mendigos são definidos nos jornais como bêbados, desocupados, vadios e estranhos à cidade. Pode-se identificar, nessas preocupações, uma imagem de que Bauru estaria sendo invadida. A solução recomendada inúmeras vezes é a "limpeza" da cidade que é vista como uma tarefa de competência da polícia, pois a "falsa" mendicância é, nesse período, ainda apresentada como um caso de polícia.

A inquietação aumenta em dezembro de 1963, mais exatamente no período das compras de natal. Segundo os jornais, além dos falsos mendigos invadirem Bauru, eles exploram a bondade humana para conseguir dinheiro e incomodam as pessoas que estão fazendo compras para o natal.

O contexto da inquietação social apresenta acima é a população bauruense crescendo quase 50% nas décadas de 50 e 60, chegando a dobrar nesses vinte anos. Esse rápido crescimento altera as características de uma pacata cidade do interior, apresentando experiência de desagregação social e a presença de grupos que ameaçariam a ordem estabelecida.

Segundo Camargo (1988), a população bauruense em 1950 era de 65.452 habitantes, em 1960, passa para 92.099 e, em 1970, atinge 131.936.

Outra questão. Bauru é famosa por ser um grande entroncamento rodo-ferroviário. Aqui cruzavam três estradas de ferro: Companhia Paulista de Estrada de Ferro, Estrada de Ferro Sorocabana e inicia a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Cruzam também várias rodovias interligando Marília, Jaú, Ipaçu, Ibitinga e a Rodovia Marechal Rondon.

O entroncamento rodo-ferroviário facilitaria a vinda de viajantes, forasteiros, comerciantes e migrantes de vários lugares. Para Sant' Agostinho (1995) essa seria uma característica da cidade desde a sua formação. Um ponto de passagem de forasteiros e aventureiros que buscavam o enriquecimento. Parte desses forasteiros seriam pessoas em busca de empregos, trabalhadores manuais muito pobres e mendigos que perambulavam de cidade em cidade através das estradas de ferro, denominados de trecheiros (Di Flora, 1987). São exatamente esses segmentos que despertam as inquietações mencionadas acima.

Há outros dados que comprovam tal característica bauruense. Uma pesquisa feita em 1966 entre empregadas domésticas de uma agência de

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

empregos revela que somente 20% delas haviam nascido em Bauru (Maddi, 1967). O economista Vervier (1986) demonstra que em 1970, 50% da população residente em Bauru não era nativa no município.

Uma observação: essa característica bauruense em que cerca de metade de sua população não nasceu aqui não é exclusiva dela. A grande São Paulo nesse período possui a mesma composição (Sader, 1988). Talvez, seja essa uma característica de cidades de atração populacional. Com a intensificação da urbanização a partir da década de 50 crescem os pólos regionais ou nacionais que atraem todos os tipos de trabalhadores oriundos do campo ou de cidades menores. Bauru era uma cidade de atração populacional.

Concluindo, pode-se dizer que houve uma iniciativa particular de um empresário, Antônio Eufrásio de Toledo, em criar um curso de Serviço Social em Bauru. Entretanto, essa iniciativa contextualiza-se com os movimentos sociais anteriores a 1964, sintoniza-se com novas atenções que o Regime Militar terá para com os problemas sociais e políticos dos trabalhadores, bem como com a forma de responder a eles. Ao mesmo tempo, na cidade, intensificam-se problemas sociais e alterações na composição urbana que, a médio prazo, serão objeto de atuação do profissional em serviço social.

Temos no Brasil, a partir da década de 60, o crescimento de vagas e de instituições de ensino nos diversos níveis. É um momento também em que o mercado de trabalho em geral intensifica incorporação de profissionais especializados e de formação universitária. Nesse contexto, a FSSB é, dentre vários cursos, um que expressa esse novo momento brasileiro. Nesse sentido, a iniciativa e o trabalho de Toledo é respaldada pela realidade histórico-social.

Entretanto, cada curso possui sua especificidade. O Serviço Social é aquele especializado em atender os pobres, grupos de excluídos e setores de trabalhadores. É preciso entender como ocorre essa relação e como a prática profissional efetiva-se.

CENTRO DE ENTIDADES SOCIAIS DE BAURU: ADMINISTRANDO A ASSISTÊNCIA

A influência da FSSB, com sua proposta de assistência metódica e até científica, no atendimento social da cidade, tem um grande marco que é 1973, dez anos depois de sua criação.

No mesmo ano em que assume a prefeitura, em 1973, Luiz Edmundo Coube nomeia uma comissão de assistentes sociais para elaborar um anteprojeto de intervenção social na cidade. Faziam parte dessa comissão, Egli Muniz Lourenço e Geni Fabri Gil como representantes da prefeitura municipal, Clorinda M. L. Mansani Queda, diretora da FSSB, Helena Carolina Sanches, da Secretaria de Promoção Social e Maria Neuza D. Moreira do Consórcio Intermunicipal de Promoção Social (CIPS). Em janeiro de 1974, o legislativo aprova o projeto de lei que cria o Centro de Entidades Sociais de Bauru (CESB).

Segundo o decreto que o regulamenta, o órgão é subordinado diretamente ao gabinete do prefeito. Destaca-se aqui as principais finalidades presentes no decreto: "...implantar a política de Serviços Sociais no Município, em busca do Bem-Estar Social,..."; "congregar e coordenar as Entidades Sociais, facilitando e promovendo a cooperação entre as mesmas, no plano municipal, segundo as diretrizes do CESB, além de lhes distribuir auxílios e subvenções para se efetivarem os programas prévia e expressamente aprovados"; destinar-se à "celebração de convênios" com entidades sociais municipais, estaduais e federais; "coordenar a aplicação dos recursos públicos e privados,..."; "efetuar o registro e fiscalização das Entidades Sociais, subvencionadas pelo CESB, ou a ele vinculadas..." (Ferreira, 1974, p. 9-10).

A documentação é clara. O CESB tem por finalidade planejar, coordenar, fiscalizar e conduzir a promoção do chamado "bem-estar social". Esse é o momento em que o poder público municipal implanta uma efetiva intervenção nas questões sociais da cidade. Embora já houvesse atividades isoladas na assistência social, agora a prefeitura pretende atuar de forma administrada, racionalizando recursos no atendimento aos pobres, otimizando o trabalho das entidades sociais e fiscalizando-a. É o serviço social que orienta essa nova técnica de gerenciamento da assistência social. Apesar de o serviço social ter surgido muito antes, é nesse período que ele se afirma nacionalmente.

A política de desenvolvimento econômico imposta pelos militares não garantia melhoria nas condições de vida dos baixos assalariados; pelo contrário, fundava-se na expropriação deles (Singer, 1985). A Doutrina de Segurança Nacional indica como necessidade do Estado autoritário o controle dos focos de insatisfação. A repressão a todo movimento de divergência com os militares é violenta (Alves, 1985; Arquidiocese de São Paulo, 1995). Nesse contexto, a área assistencial fala em bem-estar social pretendendo evitar, através da atenuação dos efeitos da miséria, a convulsão social.

Em Bauru, na ótica do serviço social, a desorganização administrativa do atendimento social, não condizia com uma cidade média em expansão.

A inauguração oficial do CESB, em março de 1974, é uma festa que reúne os setores significativos da elite bauruense, "autoridades civis, militares e eclesiásticas da cidade" e o Secretário da Promoção Social do Estado, Mário Romeu de Luca.

Apesar da proposta técnica de intervenção no social, o CESB fundou-se sobre uma ambigüidade. Ele estava dividido em duas diretorias. A primeira era a Diretoria Técnica, formada pelos Departamentos de Serviço Social e Administrativo que era dirigido e formado por profissionais da área de serviço social. A segunda era a Diretoria Social e Filantrópica, dirigida pela esposa do prefeito e que era formada por senhoras da alta sociedade bauruense visando à caridade e, muitas vezes, à auto-promoção.

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

Na diretoria filantrópica, a pobreza é instrumentalizada na busca de prestígio social. As esposas e mães das reconhecidas famílias da cidade podem ocupar-se da ajuda às dores dos pobres, sentir-se úteis ao fazer caridade e destacarem-se nas colunas sociais em virtude de tal trabalho. Assim, identifica-se na imprensa notas sobre o trabalho dessas senhoras: reuniões para planejar atividades, arrecadação de fundos por meio de eventos e promoções, reuniões para comemorar as realizações.

Essa ambigüidade do CESB expressa a tensão entre duas tendências no modo de encarar a assistência: a tradicional, por meio da filantropia e a técnica, que começa a ocupar espaço e reconhecimento. Embora o poder municipal reconheça a importância do serviço social para gerenciar o atendimento assistencial, os grupos ligados à prática tradicional da filantropia mantêm sua influência e seu espaço político durante toda a década. Essas propostas distintas de ajuda já existiam há um século e permanecem até hoje. Elas revelam formas políticas diferentes de tratar os problemas sociais, entretanto, elas não são incompatíveis. Draibe (1994) afirma que o "uso da política social como recurso político e moeda de troca não é comportamento exclusivo das democracias ditas populistas...".

A questão é mais complexa quando observa-se uma ambigüidade parecida no trabalho dos estagiários da FSSB nos bairros pobres. A assistência técnica do Serviço Social está muito próxima politicamente da filantropia das senhoras bauruenses.

Por um lado, há a proposta do Serviço Social de atender aos problemas sociais de forma técnica e administrada e que representa uma nova historicidade dessa prática social na cidade, mas que dialoga com várias tradições, inclusive a filantropia, e remete também a outras historicidades, nacionais e internacionais.

De outro lado, o Serviço Social trabalha com o objetivo da normalização do social (Foucault, 1982).

BAURU: UMA CIDADE SOCIALMENTE DIVIDIDA

Na década de 70, registram-se preocupações, por parte do serviço social, em ir aos bairros periféricos e mais pobres para realizar pesquisa que os diagnostiquem e, a partir daí, possam definir estratégias de ação.

Essa ação ocorrerá, principalmente, no caso desses bairros, no sentido de atenuar o alto nível de miserabilidade. Entretanto, são algumas das tônicas dessa ação: conceitos autoritários que descaracterizam esses pobres enquanto sujeitos, intervenções que impõem padrões de comportamento e soluções definidas previamente e exteriormente aos grupos pauperizados, ausência da problematização como meio de esses pobres autodescobrirem-se como carentes de direitos.

Em 1975, é realizado um convênio entre a Casa do Garoto e a FSSB para que formandos e estagiárias realizassem um trabalho com o Centro Comunitário Aníbal Difrância. A área de atuação pertence à Paróquia da Casa do Garoto: Vila São Paulo, Vila Garcia, Vila Santa Cecília, Jardim

Godoy, Vila Maria Angélica, Parque São Cristóvão, Parque São Geraldo, Vila Santa Luzia, Jardim Flórida, Vila Conceição.

A Vila São Paulo e o Jardim Flórida destacam-se pela precariedade. Em 1975, não possuem água encanada, esgoto, coleta de lixo, ônibus circular, luz elétrica e instituição de serviços. Na Vila São Paulo, entre 52 famílias, 39% dos trabalhadores eram lavradores e 40% não possuíam registro de emprego. Entre as pessoas doentes, 28% definiam o problema como do sistema nervoso.

As atividades realizadas pelas assistentes sociais são das mais diversas: grupo de mães, criação de sociedade de amigos de bairro, cursos de atividades manuais, palestras sobre educação sanitária e higiene corporal, grupos de jovens, grupos de crianças, realização de festas comemorativas, distribuição de remédios.

No relato do trabalho de Garcia (1975) na Vila São Paulo, destaca-se o seu preconceito diante dos "clientes". Quando ela analisa o comportamento das mulheres, são utilizadas as idéias de passividade, imobilismo e falta de consciência, ou seja, a análise da vida dessas pessoas e seus respectivos valores é feita com o referencial da classe média e da assistente social. A ascensão social, um dos elementos norteadores do pensamento da estagiária, é um dos valores-símbolo da classe média, principalmente nos anos 70, em que era uma presença forte na ordem do dia.

É importante esclarecer que não se trata de afirmar que os pobres gostam da pobreza e querem permanecer nela. Acontece que nem sempre ela é vista da mesma forma (Chauí, 1982). Ou melhor, a discussão do problema da pobreza não se restringe ao dilema, revolução ou ascensão. Vejamos um dentre os itens enumerados por Garcia (1975, p. 72):

d) costumes-hábitos de vida-valores: Os membros do grupo constituem-se de pessoas com baixo rendimento econômico, e que recebem auxílio em gêneros alimentícios no CIPS e Casa do Garoto. Têm, portanto, na maioria, uma **filosofia de vida fatalista, são acomodados, passivos e não estão conscientizados dos seus problemas; muitos limitam-se a receber o auxílio sem nada pensar no futuro**, não procuram elevar o seu nível de vida, depositando suas esperanças de melhores dias, talvez em seus filhos, apesar de não estimulá-los para a luta, para o trabalho e estudo. (grifos nossos)

A assistente social aponta que o "cliente" utiliza a ajuda de uma Instituição Social para atenuar a insuficiência de comida. Nesse caso, é importante considerar que ele não se apresenta como um objeto inerte e, sim, como alguém revertendo o sentido da assistência que, por sua vez, pretendia despertá-lo para a importância da ascensão social e de um futuro promissor. Será que esses pobres são incapazes de aprender o que a assistência social quer ensinar, ou nem sempre eles estão preocupados em aprender o que aquela tem a ensinar?

Anos depois, Zambonato (1980, p. 39-40) registra o mesmo tipo de impasse ao trabalhar no Jardim Petrópolis. Em suas palavras:

A maioria das atividades foram executadas com **pouca participação da população (...)** que a **população é passiva** frente aos problemas que a afetam, não participando e não se interessando pelos mesmos....No to-

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

cante ao trabalho realizado com os jovens, podemos dizer que **estes são apáticos**, dificultando assim a intervenção da estagiária e caracterizando o trabalho como sendo a longo prazo.

Não está sendo defendida aqui a pobreza que degrada os indivíduos, mas sim considerando problemático atribuir a esse problema uma mera origem de disfunção individual. Parece que, nesses casos, ocorre um problema de comunicação e divergência política: a assistente social descharacteriza os clientes como sujeitos sociais e estes mantêm-se indiferentes às orientações daquela.

Do outro lado da cidade, no Jardim Europa, as condições de vida dos pobres são parecidas. Garcia (1980) volta-se para o afastamento entre pais e filhos. Com salários baixos, os pais trabalham fora o dia inteiro, as crianças ficam sem cuidados em casa e na rua, quase sempre sem escolas. A situação agrava-se, segundo Garcia(1980), devido à ausência de planejamento familiar que leva as famílias a terem um grande número de filhos.

O caminho apontado por ela para "o desenvolvimento individual e social que integra a família no desenvolvimento social" seria, saúde, educação e cultura. A educação é pensada como elemento fundamental do desenvolvimento:

...a educação integra-se no desenvolvimento global do país como um dos principais meios para que o homem alcance a esfera do bem-estar e se realize com oportunidades iguais enquanto agente de educação. (Garcia,1980, p. 15)

Para Garcia (1980), a educação torna-se instrumento de desenvolvimento do país, como propagado pelos militares, produzindo trabalhadores qualificados, sadios, dispostos e - acrescentaríamos - servis. Aqui, existe a articulação da "eficiência do sistema educacional" com a formação de quadros para o país (Freitag,1986). Garcia está escrevendo em 1980, mas utiliza o "Plano Setorial de Educação e Cultura (1972, p. 74)" como instrumento "de crescimento global do povo brasileiro". A estratégia do Plano, citada por ela, conserva a imagem da "revolução" de 1964.

a aceleração da revolução na educação brasileira deve ser fundamentada na formação de uma adequada estrutura de recursos humanos, condizentes com as necessidades sócio-econômicas da rentabilidade, produtividade e eficiência do sistema educacional (Garcia,1980, p. 13)

O problema é como propiciar condições para "cidadania" dos trabalhadores, mantendo os salários tão baixos e condições de vida tão degradantes? Talvez a alternativa pensada por Garcia (1980) seja a saúde, pois esta é colocada como um elemento do desenvolvimento e um meio de gerar trabalhadores mais fortes e produtivos.

"Com uma boa alimentação se trabalha com maior eficiência e menor fadiga, melhorando a qualidade e aumentando a produção, levando ao mesmo tempo menor desgaste material e menos acidentes de trabalho." (Garcia,1980, p. 13)

Segundo essa argumentação, a saúde pretendida para os moradores do Jardim Europa não visa ao seu simples bem-estar. A frase citada parece falar de uma máquina. Ao substituímos a palavra "alimentação" por manutenção, o sentido é quase perfeito. Nessa perspectiva, não se está falando de homens e, sim, da força de trabalho. A proposta do Brasil como potência industrial mundial, empregando trabalhadores eficientes e submissos, defendida pelos militares (Alves,1985; Freitag,1986), é encontrada na voz do serviço social de Bauru em 1980.

Através de toda a pobreza nos arredores urbanos, a cidade cresce. Ao mesmo tempo, a pobreza, no mínimo, permanece. O serviço social não dá conta de tal descontrole. O trabalho de assistência e educação não é suficiente para conter o número de pobres, o desajuste e a "passividade" que vêm juntos.

Diante desses impasses, a Cooperativa Habitacional de Bauru (Cohab) e a Prefeitura Municipal de Bauru dispunham, em 1980, de três projetos para a construção de moradias: aquelas de núcleos convencionais; outro que consistia no financiamento da construção da casa em terreno próprio; o sistema de mutirão, uma alternativa a um novo problema emergente, a favela.

São realizadas pesquisas no Parque Jaraguá, na Vila Zillo e no Jardim Europa para verificar a viabilidade do desfavelamento em Bauru. A realidade encontrada é vista como uma ameaça à cidade. Ramos (1980, p. 35) afirma que devemos imediatamente

...atacar o problema de frente, sob pena de um futuro bem próximo, termos **a cidade de Bauru dividida em etapas distintas, com sua parte central atuante circundada em um anel formado de aglomerados sub-normais, entravando o desenvolvimento marcante da cidade.**
(grifos nossos)

Nessa perspectiva, apesar das dificuldades, a luta contra a pobreza deve continuar, pois sempre paira uma ameaça. Para Ramos, essa ameaça é ver a cidade dividida pelas diferenças sociais. De um lado, o setor atuante e capaz, que trabalha; de outro, a pobreza, aquela que entrava o desenvolvimento da cidade e traz desordens. Aqui, a derrota dos pobres é aterradora. Eles sustentam a concentração da renda; trabalham (ou perdem a oportunidade de trabalhar), para ser possível o "desenvolvimento do país" e garantir o bem-estar dos setores dominantes (Camargo et al., 1982; Kowarick, 1983) e, paradoxalmente, são reconhecidos como aqueles que atrapalham o progresso.

Por ironia, eles se fazem presentes em todos os lugares, incomodando e despertando preocupações. Apesar de expulsos para a periferia (e por isso mesmo), lugar do feio e da "passividade", deixam suas marcas. Circundam, "em um anel", toda a cidade, dando a impressão de sufocamento daqueles que compõem "a parte central".

Promovê-los socialmente é, portanto, proteger, antes de mais nada, a cidade ameaçada. Se é para pensar em alguma identificação experimentada pelos Assistentes Sociais, ela parece dirigir-se para os ameaçados (a cidade em ordem e seus confiáveis habitantes), e não para os ameaçadores (os pobres).

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções que o serviço social realiza nos bairros (núcleos habitacionais e aqueles chamados periféricos) durante as décadas de 60 e 70 possuem certa uniformidade e historicidade.

Preocupam-se em formar grupos de sociabilidades (crianças, jovens, mulheres, comissão de moradores) com objetivos de educar para submissão, cumprir os papéis sexuais e sociais, entender civismo como ufanismo dos poderes constituídos, formar trabalhadores produtivos e dóceis, suprir deficiências urbanas que os órgãos públicos ignoram, aprender a ver, nas divergências de opiniões, instabilidade emocional, social e política, negando possibilidades da diferença.

A orientação teórico-metodológica está sintonizada à corrente predominante em todo o país. É produto da grande influência do serviço social norte-americano - a bibliografia utilizada nesse período vem dele - e, ainda, herdeiro do serviço social europeu, que orientou a criação da primeira escola do Brasil e teve presença marcante nos primeiros anos da FSSB.

Ao mesmo tempo, na década de 70, surgem propostas no serviço social que incorporam a análise marxista, buscam atender às organizações populares autônomas, opor-se à ditadura militar e afastar-se da tradicional submissão ao capital (Paulo Neto, 1991). Essa nova orientação começa a ser incorporada em Bauru a partir dos primeiros anos da década de 80.

Os trabalhos que relatados nos bairros reconhecem um único caminho para que seus moradores adquiram cidadania e façam parte do desenvolvimento brasileiro. É a incorporação, sem questionamentos, dos valores dominantes e afirmados pelos militares. Essa cidadania é concebida pelo serviço social como algo exterior aos grupos em pauta, os pobres e trabalhadores. Ela é imposta como único e verdadeiro caminho para resolver os problemas de saúde, emprego, deficiências urbanas, educação. É vista como possível, entretanto, apenas no futuro, depois da submissão às diretrizes do serviço social.

Na mesma perspectiva política, os militares estão propondo e agindo para criar uma sociedade unidimensional, reprimindo violentamente outras experiências e temporalidades. Embora o serviço social não utilize a violência física, ele caracteriza seus "clientes" por aquilo que lhes falta, e não por aquilo que os engendra (Chauí, 1978). Por isso a sensação dos assistentes sociais de que o seu público é incapaz de entendê-los. Não poderia ser também discordância ou indiferença a esses moços que vêm dizer a eles o que devem fazer?

A historicidade também ocorre em nível municipal. A FSSB inaugura uma fase em que o serviço social passa a ter peso significativo na prática e gerenciamento da assistência. Isso significa dizer que a cidade é repensada na dimensão dos problemas ligados à pobreza. Os bairros e seus moradores precisam ser domesticados e inseridos em uma ordem que vem de seu centro. Até então, os métodos tradicionais diante da pobreza eram a repressão policial, a filantropia e a assistência material e es-

piritual. Embora essas práticas também permaneçam, na década de 60 passam a ser consideradas insuficientes. A partir daí, os problemas sociais devem ser administrados por técnicos especializados. Assim, os conflitos urbanos de uma sociedade desigual são reduzidos, por uma técnica neutra e racional de sua dimensão política, a problemas de disfunções morais, emocionais, econômicas e de cultura.

O que permeia essas intervenções sociais é a imagem de perigo que a pobreza oferece. A referência norteadora do trabalho do serviço social é a boa sociedade, o seu objeto constitui-se no seu avesso: os pobres. Nesse sentido, promovê-los socialmente é proteger a sociedade boa do perigo ameaçador. Apesar da valorização discursiva do pobre como ser humano repleto de plenitude, a atenção a ele não ocorre em função dos mesmos, mas sim, daqueles com que as assistentes sociais identificam-se, os cidadãos "normais". Dito de outro modo, a proteção e a ajuda aos assistidos são uma faceta de outra proteção maior e mais importante: a da sociedade harmônica e bem sucedida.

LOSNAK, Célio José. Politics in the care with the poor: the part played by social work in Bauru, 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-134, 1998.

ABSTRACT

This paper approaches social work in Bauru in three moments: the emergence of the city's social work college, the creation of Bauru's Social Institutions Center and the work done by students next to poor neighborhoods. The objective of this paper is to identify the political practices permeating action in Social Work as well as to insert Bauru's Social Work College into a local and national context.

Key Words: social work, social politics, social assistance, Bauru's Social Work College.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. H. M. *Estado e Oposição no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil Nunca Mais*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

BENJAMIN, W. Sobre o Conceito de História. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas v. 1. São Paulo: Brasiliense. 1985. p. 222-232.

CAMARGO, A. B. M. *Região de Bauru: uma área de recuperação demográfica*. São Paulo: SEADE, 1988.

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

CAMARGO, C. P. F. et al. *São Paulo, 1975: crescimento e pobreza*. 13. ed. São Paulo: Loyola, 1982.

CHAUÍ, Marilena. Ao Leitor Benevolente. In: _____, FRANCO, M. S. C. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 19-30.

_____. Cultura do Povo e Autoritarismo das Elites. In: *Cultura e Democracia*. São Paulo: Moderna, 1982. p. 39-60.

CHESNEAUX, Jean. *Devemos Fazer Tábula Rasa do Passado?* São Paulo: Ática, 1995.

DI FLORA, M. C. *Mendigos*. Por que surgem, por onde circulam, como são tratados? Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

DRAIBE, S. M. As Políticas Sociais do Regime Militar Brasileiro: 1964-84. In: SOARES, G. A. D., D'ARAUJO, M. C. (Orgs.). *21 Anos de Regime Militar*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994. p. 271-309.

FERREIRA, A. J. *A Intervenção Municipal na Problemática Social de Bauru*. Bauru: FSSB TCC, 1974.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FREITAG, B. *Escola, Estado e Sociedade*. São Paulo: Moraes, 1986.

GARCIA, A. M. *Implantação do Serviço Social na Vila São Paulo*. Bauru: FSSB TCC, 1975.

GARCIA, V. L.. *Ação Comunitária Através da Cáritas Diocesana de Bauru e Projeto Rondon*. Bauru: FSSB. TCC, 1980.

KOWARICK, L. *Espoliação Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LOSNAK, C. J. *Algumas Falas do Social em Bauru - 1966/1983*. Relatório de Pesquisa. FAAC-UNESP. 1995.

_____. *Olhares na Formação do Serviço Social: trabalho, comunidade, lazer e assistência - Bauru - 1966-1983*. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.

MADDI, T. M. *O Serviço Social na Promoção e Aperfeiçoamento da Doméstica*. Bauru: FSSB. TCC, 1967.

PAULO NETO, J. P. *Ditadura e Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1991.

RAMOS, E. V. da C.P. *Os Recursos Habitacionais e a Viabilidade de Desfavelamento de Uma Área em Bauru*. Bauru: FSSB. TCC, 1980.

SADER, E. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANT' AGOSTINHO, L. H. F. Bauru, "*Chão de Passagem*": entreposto de valores na rota Atlântico-Pacífico. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1995.

SINGER, P. A *Crise do Milagre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Trabalhadora Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.

_____. *Tradicón, Revuelta Y Consciencia de Clase*. 3. ed. Barcelona: Editorial Critica, 1989.

VERVIER, J. *Contribuição ao Estudo Demo-econômico do Município de Bauru*. Bauru: FASC, 1986.

VIEIRA, B. O. *História do Serviço Social*. 4. ed. São Paulo: Agir, 1985.

WILLIAMS, R. *O Campo e A Cidade*. Na História e na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ZAMBONATO, M. N. *O Serviço Social Frente a Realidade do Jardim Petrópolis*. Bauru: FSSB. TCC, 1980.

LOSNAK, Célio José. A política no cuidado com a pobreza: o papel do Serviço Social em Bauru - 1963/1983. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 119-135, 1998.

JORNAIS PESQUISADOS

1- Diário de Bauru. Bauru, 1963 e 1964, 1973 e 1974.

2- Correio da Noroeste. Bauru, 26/10/63 a 28/12/63, 1964.

ENTREVISTAS: EX-ALUNAS DA FSSB

BRUNO, Wilma Onófrilo Bruno, formada em 1968.

FARIA, Maria Ester Braga, formada em 1966.

FREITAS, Neide, formada em 1971.

MADDI, Tânia Maria, formada em 1967.

MUNIZ, Egli, formada em 1967.